

ISSN - 2175-6600

Vol.17 | Número 39 | 2025

Submetido em: 19/12/2024

Aceito em: 12/07/2025

Publicado em: 22/10/2025

**A pesquisa narrativa e a entrevista narrativa em contexto educacional: roteiro para pesquisadores iniciantes**

**Narrative research and narrative interview in an educational context: a guide for beginner researchers**

**La búsqueda narrativa y la entrevista narrativa en un entorno educativo: el guión para investigadores principiantes**

*Elisa Cristina Amorim Ferreira*<sup>1</sup>  
*Denise Lino de Araújo*<sup>2</sup>



<https://doi.org/10.28998/2175-6600.2025v17n39pe18882>

**Resumo:** Este trabalho objetiva apresentar um roteiro para pesquisadores iniciantes sobre a pesquisa narrativa e a entrevista narrativa, tendo em vista colaborar para a popularização da proposta metodológica e técnica de pesquisa. Para isso, fundamenta-se em estudos como: Bastos e Biar (2015), Clandinin e Connelly (2011), Connelly e Clandinin (1995), Deslauriers e Kérisit (2008), Jovchelovich e Bauer (2002), Innarelli (2022) e Schütze (2013). Como resultados, é possível enfatizar que a pesquisa narrativa e a entrevista narrativa possibilitam ao pesquisador a investigação das complexidades do agir docente, desde sua formação até as políticas que o influenciam.

**Palavras-chave:** Narrativa. Pesquisador iniciante. Docência.

**Abstract:** This study aims to present a guide for beginner researchers of narrative research and narrative interview, in order to contribute to the popularization of the methodological proposal and research technique. To this end, it is based on studies such as: Bastos and Biar (2015), Clandinin and Connelly (2011), Connelly and Clandinin (1995), Deslauriers and Kérisit (2008), Jovchelovich and Bauer (2002), Innarelli (2022), Schütze (2013). The results highlight that narrative research and narrative interview enable researchers to investigate the complexities of teaching practices, from teacher training to the policies that influence them.

**Keywords:** Narrative. Beginner researcher. Teachin.

<sup>1</sup> Universidade Federal de Campina Grande. Lattes: <https://lattes.cnpq.br/8779305897814556>. Orcid: <https://orcid.org/0009-0004-1645-1815>. Contato: elisacristina@msn.com

<sup>2</sup> Universidade Federal de Campina Grande. Lattes: <http://lattes.cnpq.br/5542241458634614>. Orcid: <https://orcid.org/0000-0002-5426-340X>. Contato: denise.lino@professor.ufcg.edu.br

**Resumen:** Resumen: Este trabajo tiene como objetivo presentar un guión para investigadores principiantes sobre la búsqueda narrativa y la entrevista narrativa, con vistas a colaborar para la popularización de la propuesta metodológica y técnica de búsqueda. Para eso, se basa en estudios como: Bastos y Biar (2015), Clandinin y Connally (2011), Connally y Clandinin (1995), Deslauriers y Kérisit (2008), Jovchelovich y Bauer (2002), Innarelli (2022), Schütze (2013). Como resultados, es posible enfatizar que la búsqueda narrativa y la entrevista narrativa permiten al investigador la investigación de las complejidades de la acción docente, desde su formación hasta las políticas que lo influencian.

**Palabras clave:** Narrativa. Investigador principiante. Docencia.

## 1 CONSIDERAÇÕES INICIAIS<sup>3</sup>

A discussão metodológica na abordagem qualitativa, como refletem Gatti e André (2013), é necessária para a apropriação consciente dessas formas de fazer pesquisa, relacionadas com o enquadramento teórico assumido pelo pesquisador, visto que uma pesquisa qualitativa demanda um cuidado investigativo que associa a flexibilidade e a rigidez. Isto é, a natureza qualitativa requer um domínio de métodos e instrumentos que possibilitem tanto a flexibilidade associada às particularidades de cada pesquisa, permitindo ao pesquisador adaptar métodos e estratégias às dinâmicas do campo e às peculiaridades dos sujeitos envolvidos, enriquecendo o processo de produção de conhecimento; quanto um rigor que garanta a científicidade, assegurando a validade dos dados gerados e interpretados.

Ao considerar o âmbito dos estudos de aspectos educacionais, os estudiosos complementam que

não podemos abrir mão do compromisso com a produção de conhecimentos confiáveis se queremos que tenham impacto sobre a situação educacional em nosso país, pois só assim estaremos contribuindo para tomadas de decisão mais eficazes, substituindo as improvisações e os modismos que têm guiado as ações em nossa área. Nesse sentido, a busca de relevância e do rigor nas pesquisas é também uma meta política (Gatti; André, 2013, p. 37).

Como posto, a necessidade de produção de conhecimento confiável e relevante na área é um compromisso daqueles pesquisadores com responsabilidade em promover rigor metodológico e impacto social, contribuindo para fundamentar decisões educacionais em evidências sólidas, em oposição a práticas baseadas em improvisações. Portanto, a pesquisa rigorosa não apenas gera conhecimento, como também influencia diretamente a formulação de políticas públicas e estratégias pedagógicas mais eficazes.

---

<sup>3</sup> O exemplo aqui apresentado compõe parte dos dados iniciais da pesquisa intitulada “práticas laborais, pedagógicas e acadêmicas: o trabalho docente em uma complexa rede de práticas letreadas refletidas no currículo em ação”, realizada pelas autoras deste texto no âmbito do Programa de Pós-graduação em Linguagem e Ensino (PPGLE - UFCG).



Não há, entretanto, um único caminho metodológico a ser seguido, mas sim múltiplas possibilidades que podem ser exploradas de acordo com os objetivos e o contexto do estudo. São variadas as maneiras de se fazer pesquisa qualitativa que, com suas especificidades, possibilitam resultados consistentes. Uma delas é a pesquisa narrativa ou de base narrativa que vem se estabelecendo como uma metodologia qualitativa relevante para a compreensão de práticas pedagógicas, uma vez que possibilita o estudo aprofundado das experiências dos sujeitos a partir de suas histórias de vida. Ela é particularmente significativa para revelar aspectos emocionais, culturais e históricos que influenciam a formação e a prática dos professores, por exemplo, colaborando para a humanização da pesquisa ao dar voz aos sujeitos e ao valorizar suas experiências e formações.

Em vista disso, assumindo esse posicionamento político-científico, objetivamos apresentar um roteiro para pesquisadores iniciantes sobre a pesquisa narrativa e a entrevista narrativa, tendo em vista colaborar para a popularização da proposta metodológica e técnica de pesquisa. Com isso, discutimos sobre contribuições e desafios dessa abordagem, com ênfase em aplicação no contexto educacional, ou seja, ao discutir como os professores podem ser ouvidos por meio de suas narrativas, este artigo propõe-se a oferecer possíveis direções sobre como realizar uma pesquisa narrativa e como ela pode revelar as complexidades do agir pedagógico dentro do contexto escolar, das políticas, das experiências que revelam sobre a formação docente, das necessidades e socializações profissionais, das identidades e dos saberes.

Para tanto, organizamos este artigo em quatro partes: esta breve introdução; uma seção sobre a pesquisa narrativa e alguns de seus princípios; uma seção destinada à entrevista narrativa e às suas fases de realização, enquanto técnica que possibilita a geração de narrativas; e as considerações finais.

## 2 PESQUISA NARRATIVA – A IMPORTÂNCIA DE NARRAR

“seres humanos são organismos contadores de histórias, organismos que, individual e socialmente, vivem vidas relatadas” (Clandinin; Connelly, 2011, p. 54)

A investigação do/na campo educacional, principalmente aquela que envolve docentes, requer olhar para a complexidade das relações, sendo necessário, por isso, aspectos metodológicos que permitam abranger esse enredamento sem cortar seus enlaces. A pesquisa de natureza qualitativa caracteriza-se, de maneira geral, por



privilegiar a interpretação dos dados gerados, a compreensão dos fenômenos e processos socialmente situados num contexto (Cf. Baquero, 2009). É, logo, uma abordagem que, como refletem Gatti e André (2013), possibilita uma melhor compreensão dos processos relacionados ao ambiente educacional em suas variadas implicações. Isso porque ela permite uma relação de maior engajamento entre o pesquisador e a realidade investigada. Assim sendo, é possível dizer que um importante princípio da pesquisa narrativa ganha força na pesquisa qualitativa: a aproximação entre pesquisador e participantes da pesquisa.

Segundo Connally e Clandinin (1995), somos organismos contadores de histórias, isto é, faz parte da natureza humana o uso de narrativas como forma de expressão individual e socialização. Ao compartilharmos nossas histórias, dividimos com o outro nossa visão sobre o mundo e sobre nós, dando protagonismo a nossa vivência ao mesmo tempo em que criamos interseções com outras formas de experienciar o mundo. Nesse narrar, (re)construímos representações de nós mesmos, na busca por significar às experiências.

Por estarem presentes em toda experiência humana, dessa forma, nada mais adequado do que, ao realizar investigações, principalmente aquelas envolvendo colaboradores, usar narrativas para melhor compreender essas experiências. Nessa perspectiva, ao estudar narrativa, estudamos experiência: “e estudamos a experiência de forma narrativa porque o pensamento narrativo é uma forma-chave de experiência e um modo-chave de escrever e pensar sobre ela” (Clandinin; Connely, 2011, p. 48).

Essa abordagem reflexiva sobre o mundo possibilita um processo reconstrutivo de um acontecimento passado, em um momento presente, ressignificando esse evento e repercutindo em um futuro. Em outras palavras, uma pesquisa narrativa possibilita “assimilar o mundo em sua dinâmica, em sua circularidade, expandindo o mundo e a compreensão de mundo por um método científico, ao mesmo tempo, reflexivo e dialógico” (Souza, 2022, p.13).

É reflexivo e é dialógico, visto que é narrativa de um *eu* e de um *outro* que se envolve (é envolvido) no enredo de quem narra. Esse outro seria tanto os outros personagens do evento narrado quanto, principalmente, o próprio ouvinte da narrativa, no caso, o pesquisador. Novamente tomando as palavras dos autores canadenses Clandinin e Connally (2011, p. 20), a pesquisa narrativa seria, de tal modo, “uma forma de entender a experiência em um processo de colaboração entre pesquisador e pesquisado”.

A experiência é contínua e interativa, por ser uma sucessão de experiências individuais e sociais. Logo, a investigação narrativa, de acordo com Clandinin e Connally



(2011), dá-se em um “espaço tridimensional”, em qual o pesquisador se movimenta em uma dimensão temporal (a temporalidade – passado, presente e futuro), uma dimensão relacional (o individual – introspectivo – e o social – extrospectivo) e uma dimensão situacional (o lugar/lugares), isso porque a narrativa se dá nesse nexo, conforme a figura 1:

Figura 1 – Espaço tridimensional



Fonte: as autoras, com base em Connelly e Clandinin (2011).

As três fases contextuais ilustradas são relevantes, pois juntas fornecem sentido à realidade à medida que constroem essa realidade. O pensamento narrativo movimenta-se em diferentes lugares e direções: em um tempo presente, reflete-se ora retrospectivamente, ora prospectivamente; por vezes introspectivamente, por outras extrospectivamente.

Sob esse olhar, a experiência vivida e relatada torna-se fonte de conhecimento. Contudo, nem todos reconhecem a legitimidade dessa fonte: há críticas que giram em torno da relevância dessas narrativas para os campos de estudo devido a individualidade dos enredos narrados. Seria, desse modo, pertinente utilizá-los? A pesquisa narrativa, enquanto método investigativo, reconhece a existência de possíveis desaprovações, entretanto, refuta-as ao tratar da correlação entre o individual e o plural.

Schütze (2013), sobre esse aspecto, defende a tese de que há formas elementares que coexistem em muitas biografias, como estruturas processuais que, por sua vez, conciliam-se sistematicamente ganhando relevância social. Aliando-se a esse entendimento, Costa (2022) afirma que, nas narrativas, há singularidade e pluralidade, pois há a singularidade na maneira de estar no mundo e vê-lo, mas essa singularidade é resultado da interação social, logo, da pluralidade.

Ambos os autores, assim, podem ser relacionados ao postulado de Josso (2004) sobre a existencialidade ser singular-plural: a existência é singular dentro de uma humanidade partilhada. Segundo a autora, então, em cada um de nós há múltiplas identidades, que se sobrepõem e se influenciam mutuamente, moldadas por experiências individuais e coletivas e por situações formadoras e fundadoras. Desse modo, compartilhar nossos relatos carregados do individual e do plural permite-nos entender melhor a nós e aos outros, numa relação de complexidade.

Nessa associação, narrar é formar-se: ao promover o protagonismo do vivido pela reflexão do relatar, a narrativa molda aquele que busca lhe dar significado, tanto participante quanto pesquisador, por possibilitar a construção e desconstrução de experiências (Cf. Azevedo, 2022; Innarelli, 2022).

É possível, com isso, agregar a essa ideia de formação pela narrativa às discussões de Nóvoa (2014) sobre a formação do professor. Conforme o pesquisador, o desenvolvimento profissional do educador dá-se numa perspectiva retroativa de consciência reflexiva, isto é, numa relação presente, passado e futuro, em qual o sujeito reflete, no presente, sobre o passado percorrido, com a intenção de influenciar o futuro. É uma reflexão sobre a própria formação e história de vida, buscando aprimorar a prática docente, numa projeção para o futuro.

Se a formação do professor se dá por meio da reflexão e a narrativa possibilita essa reflexão transformando acontecimentos em experiência, o uso de preceitos metodológicos da pesquisa narrativa é de extrema relevância para pesquisas que tratam do agir docente.

### **3 ENTREVISTA NARRATIVA – A IMPORTÂNCIA DE OUVIR**

Narrativa é discurso construído no ato de contar uma história (Cf. Bastos; Biar, 2015), sendo, segundo Clandinin e Connely (2011, p.48), “o melhor modo de representar e entender a experiência”, pois o pensamento narrativo é uma maneira de reviver

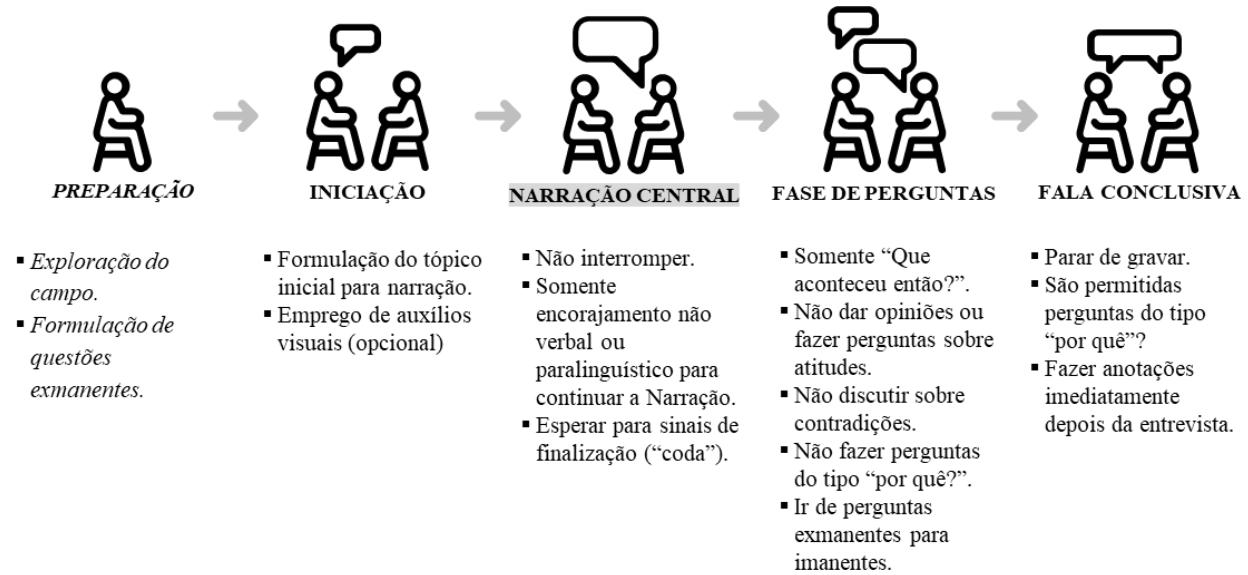


reflexivamente a experiência. Assim, a narrativa pode ser provocada por técnicas variadas, como diários, registros de campo, depoimentos, cartas, notas pessoais, relatos ou a partir de entrevistas narrativas (Cf. Jovchelovich; Bauer, 2002). Nesse contexto, ao definir a importância de narrativas para alcançar objetivos, é preciso estabelecer qual será o instrumento de geração dessas narrativas.

Assim, aliando ideias da pesquisa narrativa e da entrevista, a técnica da entrevista narrativa, sistematizada por Sandra Jovchelovitch e Martin Bauer, à luz do pensamento do sociólogo alemão Fritz Schütze, rompe com o esquema pergunta-resposta comum ao instrumento entrevista, enfatizando os atores sociais ao explorar suas perspectivas, compreender seus dilemas e apreender suas experiências e pontos de vista (Cf. Poupart, 2008).

A entrevista narrativa, segundo interpretação de Jovchelovitch e Bauer (2002), é realizada em quatro fases precedidas de uma preparação, como é possível observar, de acordo com a figura 2, a seguir:

Figura 2 – Fases da entrevista narrativa com suas regras



Fonte: as autoras, com base em Jovchelovitch e Bauer (2002, p.97).

Ao empregar essa técnica na geração dos dados, o pesquisador precisa preparar-se previamente ao encontro que originará as narrativas: revisar suas questões de pesquisa e elaborar perguntas ligadas a elas. Em seguida, conforme a disponibilidade de tempo e lugar de cada sujeito colaborador, começa-se a entrevista propriamente dita, em qual o agir do pesquisador enquanto entrevistador necessita seguir regras específicas apresentadas na figura anterior: 1. *iniciação* (buscar estimular o início da narrativa por

meio da formulação de um tópico inicial); 2. *narração central* (ouvir as narrações, sem interromper, apenas incentivando a progressão dos relatos fazendo uso de encorajamentos não verbais e expressões de estímulo, como “sim” e “hum”); 3. *fase de perguntas* (questionar por meio de perguntas baseadas no relato ouvido, isto é, perguntas imanentes, solucionando algumas dúvidas) e 4. *fala conclusiva* (parar a gravação e dar espaço para que o entrevistado acrescente algo à sua narrativa).

Com essa forma de entrevista não estruturada, assim, busca-se a profundidade de aspectos específicos, a partir das histórias de vida individuais que se interconectam com o social, primando pela liberdade dos entrevistados ao não interferir no relatar, como determina a técnica.

A relação entre pesquisador e sujeito colaborador participante da entrevista é fundamental. Não basta a aceitação de participação e a criação de uma situação confortável, é necessário um elo de confiança, que permita ao sujeito elaborar sua narrativa por meio da entrevista. Como enfatiza Poupart (2008, p. 232), o entrevistado deve sentir-se “suficientemente confiante para aceitar ‘verdadeiramente falar’”, ou seja, para o êxito da geração de dados, o sujeito falar a sua verdade é o que se busca.

A forma de geração de dados, assim, de acordo com os princípios estabelecidos por Zelditch (1969 *apud* Deslauriers; Kérisit, 2008, p. 139) e Marshall e Rossman (1989 *apud* Deslauriers; Kérisit, 2008, p. 139), deve considerar a capacidade de trazer informações desejadas, de maneira eficaz e ética. Desse modo, ao observar pontos positivos, pontos de atenção e formas de solucioná-los, a entrevista pode ser sistematizada da seguinte forma, conforme o quadro 1, a seguir:

Quadro 1 – Entrevista

ENTREVISTA	PONTOS POSITIVOS	PONTOS DE ATENÇÃO	FORMA DE SUPERAÇÃO
	flexibilidade de realização	necessidade de mais tempo conforme a conveniência do entrevistado	mais tempo para realizá-la
	facilidade de adaptação de protocolo	não garantia do anonimato	estabelecimento de relação ética, de confiança entre pesquisador e colaborador
	possibilidade de esclarecimentos	sensibilidade à influência do entrevistador sobre o entrevistado	reconhecimento, advindo da própria natureza qualitativa da pesquisa, de que não há neutralidade nas relações, além de que a entrevista narrativa pressupõe uma relação de incitamento do entrevistador em relação ao entrevistado

Fonte: as autoras.

Enquanto pontos positivos, a entrevista tem uma realização flexível, adapta-se facilmente e possibilita esclarecimentos. Já enquanto pontos de atenção, ela requer mais tempo conforme a conveniência do entrevistado, não garante anonimato completo e está sujeita à influência do entrevistador. Desse modo, requer mais tempo para sua realização, estabelecimento de relações éticas e de confiança, além do reconhecimento da não neutralidade. A entrevista, em outras palavras, apesar de ser uma maneira relevante de geração de dados, possui limitações, como qualquer outra estratégia metodológica, restando, então, ao pesquisador identificar esses pontos de atenção e reconhecer formas de superá-los.

### 3.1 Fases da entrevista narrativa

A pesquisa narrativa ou de viés narrativo tem ganhado espaço como uma abordagem potente no campo educacional para estudar a prática pedagógica e a experiência docente, seja docente em formação ou já atuante. Ao trazer um foco para as histórias dos professores, essa metodologia permite, por exemplo, entender como suas experiências formativas e de atuação são formadas, como se relacionam com as políticas educacionais, como suas práticas são moldadas por contextos socioculturais, permitindo, desse modo, uma compreensão das dinâmicas que afetam a prática docente, incluindo a interação entre os professores, os alunos e as condições sociais que envolvem o ambiente escolar. Sem negar a subjetividade que se associa à objetividade, a narrativa oferece uma perspectiva para estudar os processos educacionais, que não podem ser completamente compreendidos por meio de abordagens quantitativas.

De acordo com Clandinin e Connelly (2011), as histórias contadas pelos sujeitos não são apenas relatos de eventos passados, mas sim construções dinâmicas de significado que revelam como os indivíduos interpretam e compreendem suas experiências. Isso significa que os professores não são apenas observados como agentes que aplicam práticas pedagógicas, mas como sujeitos que constroem e reinterpretam suas experiências de ensino e aprendizagem, desde sua atuação inicial.

A seguir, apresentamos alguns trechos exemplificativos de uma narrativa gerada por meio de entrevista narrativa com uma professora de Física. Em sua narrativa, a docente traz sua relação com os Prêmios Mestres da Educação e Escola de Valor, concursos realizados pela Secretaria de Educação do Estado da Paraíba que possibilitam



às instituições e aos docentes inscritos, avaliados e contemplados uma remuneração no valor de um salário extra ao fim do ano.

### 3.1.1 Preparação

Seguindo as fases já comentadas em seção anterior, a entrevista narrativa inicia com uma *preparação* do pesquisador: observação da escola em que a professora atua e formulações de questões exmanentes<sup>4</sup>. Essa pré-etapa foi realizada prioritariamente pelo pesquisador, entretanto, para melhor andamento da entrevista, foi interessante a interação entre pesquisador e colaborador para o estabelecimento de elos que permitiram uma maior confiança na realização da entrevista propriamente dita. Havia uma relutância da professora colaboradora que adiava o momento da entrevista constantemente. Não que ela não quisesse participar, ao contrário, segundo ela, havia um desejo grande em ser ouvida. Contudo, esses adiamentos revelaram um receio em não atingir o que ela esperava que o pesquisador gostaria de ouvir, ou seja, ela sentia-se insegura por não ter como se preparar antes, lendo as perguntas e construindo respostas que depois seriam apenas oralizadas na entrevista. Foi preciso, então, a conversa entre pesquisador e professora sobre a pesquisa narrativa e a entrevista narrativa para que ela compreendesse que não haviam respostas certas ou erradas.

Assim, a *preparação*, realizada antes da entrevista, tem por objetivo estabelecer o tema geral da entrevista e criar um ambiente confortável e confiável para o entrevistado. O entrevistador deve explicar o propósito da pesquisa e como as informações serão utilizadas. É essencial assegurar o consentimento informado e deixar o entrevistado à vontade, reforçando que sua narrativa é valiosa e que não há respostas certas ou erradas. Nesta fase, a habilidade de escuta ativa é fundamental para demonstrar interesse genuíno.

São, portanto, estratégias importantes: estabelecer confiança (explicar os objetivos da pesquisa de forma clara e acessível, assegurar confidencialidade e anonimato); escolher o ambiente (preparar o local da entrevista para que seja calmo, confortável e livre de distrações); planejar o tema (familiarizar-se com o tema da pesquisa para formular uma introdução adequada); preparar o emocional (demonstrar empatia e acolhimento, criando um espaço onde o entrevistado se sinta valorizado).

---

<sup>4</sup> As questões examinantes nascem do envolvimento progressivo do pesquisador com o objeto de estudo. Elas se delineiam à medida que se intensificam a imersão no campo, a leitura crítica da literatura e o processo de construção do olhar investigativo. Ou seja, são perguntas formuladas pelo pesquisador antes da entrevista, com base em seus objetivos e interesses de pesquisa.



### 3.1.2 Iniciação

Quadro 2 – Iniciação (entrevista narrativa)

	<p><b>Pesquisador:</b> A ideia é... Eu queria que você contasse a sua história enquanto professora e a relação dos prêmios Mestres da Educação e Escola de Valor com a sua prática em sala de aula.</p> <p><b>Pesquisador:</b> Não vai ter um certo, não vai ter um errado. Não estou aqui para avaliar se você fez certo, fez errado. Porque eu estou colhendo a história de professores em relação a esses prêmios. Então nesse primeiro momento você pode falar livremente, fique à vontade, eu vou lhe ouvir e caso eu anote alguma coisa é para lhe perguntar depois, tá? Fique à vontade.</p>
-----------------------------------------------------------------------------------	-----------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------

Fonte: as autoras.

No trecho acima, quadro 2, temos a iniciação da entrevista narrativa. No primeiro parágrafo, há o tópico inicial para narração que estimula a produção da narrativa a partir, principalmente, do verbo “*contasse*” e do substantivo “*história*”. O uso dessas palavras que remetem diretamente a ideia de narrar amplia o leque de possibilidades de fala, dando liberdade à docente, ao passo que, em seguida, a estrutura “*a relação dos prêmios Mestres da Educação e Escola de Valor com a sua prática em sala de aula*” delimita o âmbito da narrativa para o recorte investigado pelo entrevistador/pesquisador.

Em seguida, há um parágrafo funcionando como orientador do processo. Inicialmente, há um adendo tranquilizador para a professora que foi realizado devido à insegurança que a docente demonstrou durante os primeiros contatos com o pesquisador. Posteriormente, há informações breves sobre o andamento da entrevista que também cumprem uma função de amenizar possíveis angústias ou ressalvas da entrevistada.

Desse modo, a *iniciação*, realizada no início da entrevista, tem por objetivo estimular o entrevistado a começar a contar sua história. O pesquisador faz uma pergunta inicial (ou uma afirmativa para ser desenvolvida), formulada para encorajar o entrevistado a narrar livremente sobre o tema.

Estratégias relevantes, logo, são: formular perguntas abertas (fazer uma pergunta inicial ampla que convide o entrevistado a contar sua história sem direcionamento restritivo); evitar interrupções (preparar-se para resistir à tentação de interromper ou corrigir para guiar a fala); proporcionar liberdade (dar tempo para que o colaborador entrevistado organize seus pensamentos); demonstrar interesse (usar linguagem corporal acolhedora, como acenos e contato visual, para mostrar que irá ouvir atentamente).

### 3.1.3 Narração central

Quadro 3 – Narrativa central (entrevista narrativa)

**Professora:** Bom... Meu nome é XXX, sou professora de física, a minha idade é 39 anos, eu sou formada em licenciatura plena em física, com mestrado em meteorologia. Terminei em 2008, aí passei para o mestrado, mas vim para a sala de aula só em 2012, então 2012 e até agora eu estou em sala de aula. Há quanto tempo né, 11 anos, se for considerar a partir do momento que eu fui para a sala de aula; se não, de término de curso, 15 anos.

Aí a disciplina que eu leciono aqui na escola é Física, estudo orientado, avaliação semanal... este ano, né? Nos outros anos tinha outras...

Eu definiria os prêmios de escola de valor e mestre da educação como um incentivo muito bom que tanto a escola ganha com isso em funções de ações, de movimentação da escola, como professor em si, né? porque ele faz como se fosse um trabalho só e ganha duas vezes se ele organizar as ideias e escrever. Porque dentro do Escola de Valor vai estar o trabalho dele, que já faz parte do mestre dele, né, separado. As ações que ele já faz com o Mestre está ligado com as ações do Prêmio Escola de Valor.

Então, o que eu gostaria que esses prêmios tivessem uma maior divulgação, porque é muito restrito, você não sabe o que o outro fez, a não ser pelas ações, mas um conjunto, né?

**Pesquisador:** [gesticula com a cabeça]

**Professora:** Às vezes quando tem uma amostra ou outra que visualiza, não tem um arquivo, não tem um acervo, né?

**Pesquisador:** Sim...

**Professora:** Para a comunidade, no geral, visualizar o que acontece aqui na Paraíba? onde esses projetos estão, né? Poderia ser ideia para outras coisas, né? Ser fonte de pesquisa, porque quando você faz qualquer trabalho, eles ficam ativados, porque não o mestre da educação? Porque não arquivar? Mas tudo bem né?

É como se fosse no finalzinho, tem que dar conta de dinheiro... E a função dos projetos fica aonde? A visualização fica aonde? Só no bolso, no final?

**Pesquisador:** [gesticula com a cabeça]

[...]

**Professora:** Eu participei de duas edições só.

Não, três edições.

Aí, eu ainda iniciei em 2018, mas não finalizei, então, o plano foi aceito, mas eu não desenvolvi. Certo?

**Pesquisador:** Certo.

**Professora:** Aí, eu ganhei duas vezes. Em 2019 e em 2020. Em 2021 eu desenvolvi o trabalho, mas não a escrita. Então eu não participei. Em 2021. Em 2021, mas fiz ações para o outro projeto que era a escola. Mas na minha escrita eu peguei e não fiz. Em 2021 e em 2022. Em 2023 pretendo.

O que me motivou a participar, além do dinheiro, né? Sabe, se eu for falar é mentira que não tem o dinheiro.

**Pesquisador:** Hum-hum

**Professora:** E assim, novas ideias. Porque, por exemplo, quando é uma coisa nova e você não tem uma referência para poder seguir. Pode ver que tem só uma coisa pouca, né? Até como você está riscando ali, tá criando novas estratégias a cada dia. E no final você consegue montar um todo, porque é brilhante quando você já tem uma visão. Mas eu sou assim... eu me considero corajosa, porque eu tenho a ideia... eu não consigo ver no final, mas eu vou em frente e vou conseguindo montar, encaixar as peças, né?

Aí então, diante de alguns problemas, né? Na escola ou na disciplina, é que ele é montado pontos para a construção desses projetos.

Então, esses prêmios são importantes, com certeza, né? Então, se tivesse uma maior visibilidade, eu acho que seria melhor, mais importante. E os outros estados vê, realmente, que a gente trabalha, né?

[...]



Fonte: as autoras.

Após a iniciação, o turno é passado à entrevistada que começa a produzir seu texto de maneira mais livre em comparação a outras formas de entrevista, o entrevistador realiza apenas alguns estímulos à continuidade (“certo”, “hum-hum”, gestos etc). O quadro 3 traz uma parte da narrativa em que a professora compartilha seu percurso, desde a formação acadêmica até a experiência prática na sala de aula, destacando as mudanças ao longo dos anos e os papéis que desempenha atualmente. Há um foco significativo nos prêmios Escola de Valor e Mestre da Educação, decorrente da pergunta inicial, vistos como incentivo tanto financeiro quanto de valorização profissional. A partir disso, a professora reflete sobre a falta de visibilidade e acervo para esses prêmios, sugerindo que poderiam ter maior impacto na comunidade educacional. Ela menciona a motivação financeira com honestidade, mas também destaca sua coragem e criatividade para criar estratégias e desenvolver projetos, mesmo diante de incertezas.

Quanto à estrutura, a narrativa apresenta uma progressão no tempo, começando com sua formação e avançando para as experiências mais recentes. Oscilações nos detalhes cronológicos (como o ano dos prêmios) mostram como a memória é reorganizada ao longo da fala.

Apesar de ter a denominação “narrativa”, é comum a presença de sequências textuais/discursivas além das narrativas, visto que descrições e reflexões fazem parte do processo de rememorar o vivido. A fala mescla, assim, a exposição de fatos com reflexões pessoais, indicando um processo ativo de ressignificação de suas experiências promovido pelo contar.

A professora demonstra orgulho de sua trajetória, dos projetos realizados e da superação de desafios, valorizando seu papel no contexto educacional. Ao passo que também revela frustração com a visibilidade. Há uma crítica subjacente à falta de reconhecimento público das ações e conquistas educacionais, sugerindo a necessidade de maior valorização da profissão. O tom crítico e ao mesmo tempo otimista da professora revela muito sobre a realidade dos docentes, sugerindo oportunidades para políticas públicas e valorização docente. Os prêmios são apresentados como mecanismos para incentivar práticas inovadoras e melhorar o ambiente escolar, porém a limitação de divulgação reflete um distanciamento entre a execução local e a percepção social mais ampla.

Com isso, é possível afirmar que a *narração central*, parte principal da entrevista narrativa, tem por objetivo realizar a escuta ativa do entrevistado, facilitando a continuidade e o aprofundamento da narrativa. O entrevistador utiliza, para tanto, apenas estímulos mínimos, como “Certo”, “Sim”, “Entendi” ou “Pode continuar”, para encorajar o



colaborador a prosseguir a história. Essa abordagem evita direcionar a narrativa, respeitando o ritmo e os pontos que o entrevistado considera mais relevantes. Anotações podem ser feitas para esclarecimento ou exploração na fase posterior.

Nessa fase, assim sendo, são estratégias importantes: estimular sem guiar (utilizar impulsos mínimos, seja por palavras ou gestos, para manter o fluxo natural da narrativa); manter postura neutra (evitar demonstrar julgamento ou emoção que possa influenciar a narrativa); focar na escuta ativa (prestar atenção tanto ao conteúdo quanto ao tom emocional e às nuances da fala); anotar discretamente (registrar pontos importantes para serem explorados posteriormente, sem interromper o fluxo da fala).

Essa fase leva ao arremate da entrevista, na qual muitas informações relevantes podem aparecer, por isso é muito importante estar atento à fase da narrativa para verificar se surge algo importante a perguntar na fase posterior, a fim de não desprezar o momento, pois, embora seja metodologicamente possível fazer uma complementação da geração de dados posteriormente, é preferível aproveitar o colaborador que está disponível, focado no evento narrado e emocionalmente envolvido como o tema. Qualquer complementação posterior, dar-se-á numa outra circunstância enunciativa e poderá ser coerente ou não com o que foi inicialmente narrado. Vejamos, a seguir, a fase de perguntas.

### 3.1.4 Fase de perguntas

Quadro 4 – Fase de perguntas (entrevista narrativa)

	<p><b>Pesquisador:</b> Muito bom! Tem alguns pontinhos que eu fui anotando aqui... Você falou sobre a questão de suas ações serem reforço para matemática e para português. E que você vê também que as suas ações, você tem a ideia e vai encaixando. Como é que funciona essa tua organização, esse teu pensamento?</p> <p><b>Professora:</b> Minhas ações têm uma pegadinha do prêmio, assim... Na escola de valor, se ela vai utilizar para o meu prêmio, aí pode ser que sim, pode ser que não. Que esteja junto do meu projeto. Mas tem algumas ações que já é para a escola de valor. Aí, por exemplo, eu posso falar de algum?</p> <p><b>Pesquisador:</b> Pode.</p> <p><b>Professora:</b> Nesse do desidratador... Então, a gente já tinha visto alguns conteúdos de temperatura. Só que eles não viram na prática, ele não estava manuseando, fazendo aquela medição. Então foi como se fosse um reforço. Essa ação a parte da construção em si, da arte em si, da estrutura do desidratador eu utilizei nas Práticas, na BD. As outras eu fui intercalando, porque como a gente tem um rodízio. Aí só ia ver de 8 em 8 semanas que eu tivesse Prática. Então a maioria das minhas ações é feita na minha aula mesmo, aí sempre que possível a gente relaciona, pode ser que já tenha passado o conteúdo, mas aí a gente faz o reforço, né, de aqueles já teoricamente aprenderam.</p> <p>[...]</p> <p><b>Pesquisador:</b> Do que a gente conversou, você tem algo mais que você queira falar? Você já se sente contemplada?</p> <p><b>Professora:</b> Sim, eu quero falar sobre a parte de criação.</p>
-------------------------------------------------------------------------------------	---------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------

<p><b>Pesquisador:</b> Certo.</p> <p><b>Professora:</b> Porque, por exemplo, dentro da minha sala de experimento, dentro dos projetos, você vai ter uma ideia, você tem até um norte.</p> <p>Aí quando não tem um material apropriado para aquele norte, o que fazer? Como é que você vai sair da sua caixinha, do seu ambiente para pensar fora? O que eu posso mudar e vai dar certo?</p> <p>Uma das minhas características que eu já falei é que eu arrisco. Eu vou lá, vejo se dá para fazer tento.</p> <p>Uma parte que eu gosto é de artesanato.</p> <p><b>Pesquisador:</b> Sim...</p> <p><b>Professora:</b> Então eu acho que o artesanato em si ele abriu minha mente... Então eu consigo com maior facilidade do que quando eu comecei a ensinar a modificar qualquer experimento. Tem uns que não vai dar certo porque ele pode ter falha, tem experimento com material que é exclusivo dele pode ter falha. Mas assim, na maioria das vezes eu consigo alterar o material e desenrolar.</p> <p>E eu acho que foi o artesanato que me ajudou.</p> <p>E também o incentivo, viu?</p> <p>Se tiver incentivo, você vai e fica mais criativo, você tem mais vontade.</p> <p>Então, se a escola incentivar e o governo com o dinheiro, a gente faz milagres aqui na educação.</p>
----------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------

Fonte: as autoras.

Conforme o quadro 4, durante a fala da professora, o pesquisador, em uma escuta atenta, realizou anotações que na fase de perguntas utiliza para expandir e esclarecer elementos da narrativa principal. Aqui, como exemplo, temos dois trechos que correspondem às perguntas iniciais e finais dessa etapa.

Nota-se que a pergunta inicial (“*Como é que funciona essa tua organização, esse teu pensamento?*”) é aberta, entretanto, está contextualizada dentro da fala da professora colaboradora, permitindo a ela explorar e detalhar seu processo de trabalho, revelando detalhes que não surgiram na narrativa principal como a conexão entre teoria e prática ao tratar do desidratador. Isso é consistente com o objetivo dessa fase: fomentar a reflexão e ampliar a compreensão. Já a pergunta final (“*Do que a gente conversou, você tem algo mais que queira falar?*”) convida a entrevistada a complementar ou explorar novos temas que julgue relevantes, respeitando sua autonomia e contribuindo para um diálogo colaborativo. A professora, assim, explora tanto aspectos práticos (ações em sala de aula) quanto subjetivos (motivação e criatividade), enriquecendo a entrevista.

A fase de perguntas, com base nesses fragmentos, cumpre seu papel ao trazer maior detalhamento sobre a integração entre ações e projetos (a professora explica como suas ações se conectam aos prêmios e reforçam conteúdos disciplinares, exemplificando práticas pedagógicas); o processo criativo e adaptação (ela reflete sobre como utiliza criatividade para superar desafios, como a falta de materiais específicos, e relaciona essa habilidade ao artesanato como uma influência em sua prática profissional) e a importância



do incentivo (a narrativa introduz um aspecto emocional e motivacional, ressaltando como apoio institucional e financeiro pode impulsionar a criatividade e o desempenho docente).

É relevante destacar que, nessa etapa, em que há uma maior troca de turno, deve-se ter cuidado para as perguntas não interromperem o fluxo natural da fala do entrevistado. As perguntas contribuem para expandir e organizar a narrativa, sem desviar do tema principal. O pesquisador, como acontece no fragmento, deve incentivar a exploração de aspectos importantes, a partir do uso de gestos e respostas afirmativas (“Pode”, “Certo”, “Sim...”) que criam um ambiente de diálogo confortável, favorecendo a confiança e a espontaneidade.

A *fase de perguntas*, como no exemplo apresentado, cumpre o objetivo de explorar detalhes ou aspectos específicos da narrativa que não foram espontaneamente abordados. Essa fase bem estruturada pode aprofundar a geração dos dados, mantendo o diálogo e respeitando a experiência do entrevistado. O entrevistador retoma pontos mencionados durante a narrativa principal para obter mais informações ou esclarecimentos, para isso, as perguntas devem ser abertas e alinhadas ao que o entrevistado já mencionou, sem introduzir novos temas ou desviar o foco, por exemplo: “Você mencionou [detalhe]; poderia me contar mais sobre isso?”.

Dito isso, são estratégias interessantes: retomar pontos mencionados (formular perguntas baseadas no que o entrevistado já disse); usar perguntas abertas (evitar perguntas fechadas ou que direcionem a resposta. Prefira “Como você se sentiu nessa situação?” em vez de “Isso te deixou triste?”); ser empático (usar tom acolhedor, respeitando os limites do entrevistado); permitir pausas (dar tempo para o entrevistado refletir antes de responder); criar espaço para contribuições novas (possibilitar que a voz do colaborador seja ouvida).

### 3.1.5 Fala conclusiva

A última etapa é a fala conclusiva, em qual o pesquisador deve desligar o gravador de áudio e/ou vídeo, prosseguindo apenas com seu bloco de anotações, para criar um momento de maior liberdade para o entrevistado. Aqui são permitidas perguntas mais direcionadas e valorativas, sendo também um espaço para acolhimento e agradecimentos.

Na entrevista narrativa utilizada como exemplo, nessa fase, o pesquisador não sentiu necessidade de outros questionamentos. Já a professora, apesar de não querer



acrescentar mais nenhuma informação ao dito, enfatizou como aquela ocasião tornou-se um momento de conforto por poder externar sua história.

O objetivo, dessa maneira, é encerrar a entrevista de forma acolhedora e positiva. O entrevistador agradece ao entrevistado, reafirma a importância de sua contribuição e fornece espaço para que ele compartilhe algo adicional, caso deseje. Além disso, informa sobre os próximos passos da pesquisa e reitera o compromisso com a confidencialidade.

Com isso, configuram-se como estratégias significativas: desligar o gravador (criar um momento de encerramento mais acolhedor e confidencial); agradecer genuinamente (reconhecer o tempo e a contribuição do entrevistado, enfatizando a importância de sua história); oferecer espaço final (perguntar se há algo que ele gostaria de adicionar ou destacar antes de encerrar, enfatizando que, caso ele queira, pode acrescentar algo mais a sua fala em outros momentos); reafirmar próximos passos (explicar como os dados serão usados, garantindo que ele saiba o que esperar em relação à pesquisa); fechar com acolhimento (terminar com uma despedida cordial, assegurando que o entrevistado se sinta respeitado e valorizado).

Em síntese, a realização de uma entrevista narrativa, por possibilitar ao entrevistador captar os conteúdos narrados assim como a forma como o entrevistado organiza e dá sentido às suas experiências, exige estratégias cuidadosas em cada fase para assegurar que a geração de dados seja eficaz e respeitosa.

A *preparação* é fundamental para estabelecer as bases da entrevista, devendo ser realizada com antecedência suficiente para garantir a compreensão do tema, os objetivos e os aspectos éticos. Além disso, a preparação inclui familiarizar-se com o perfil do colaborador, o que ajuda na criação de um ambiente acolhedor. Por sua vez, a *iniciação* engaja o entrevistado no tema, sendo uma etapa especialmente importante quando o objetivo é explorar histórias pessoais, como a experiência de um professor no cotidiano escolar. A *narrativa central* ocorre no momento em que o entrevistado começa a contar suas experiências. Ela necessita ser conduzida com estímulos mínimos, permitindo que o entrevistado se aprofunde em sua história no tempo que for necessário. Já a *fase de perguntas* complementa a narrativa principal, possibilitando que o pesquisador esclareça pontos ou explore aspectos que não surgiram espontaneamente. Deve ser realizada quando o entrevistado já expressou o que considera mais relevante, para evitar interrupções ou influências na construção da narrativa. Por fim, a *fala conclusiva* acontece depois que todas as informações necessárias foram ditas e os pontos principais foram explorados. Esse momento é usado para reafirmar a importância da fala, agradecer a



participação e esclarecer possíveis dúvidas sobre a pesquisa, assim como possíveis acréscimos.

Quanto ao tempo de duração de cada fase, é interessante adaptar-se ao ritmo e à complexidade da narrativa do participante. No caso de professores, é importante considerar o impacto do contexto escolar no tempo disponível para a entrevista, garantindo um planejamento que respeite o tempo do colaborador e permita uma conversa rica e aprofundada.

## 4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A geração de dados na pesquisa narrativa feita por entrevista narrativa permite que os participantes compartilhem suas histórias de maneira mais aberta e fluída, pois são conduzidas de forma que os participantes se sintam mais à vontade, sem interrupções rígidas ou direcionamentos excessivos. Como Jovchelovitch e Bauer (2002) destacam, a técnica envolve uma escuta ativa do pesquisador, que se posiciona como facilitador da narrativa, permitindo ao entrevistado o compartilhamento de suas experiências.

A análise dos dados na pesquisa narrativa, em consequência, não segue uma abordagem quantitativa convencional. Ela requer uma análise qualitativa e interpretativa por envolver a identificação de padrões, temas e significados dentro das histórias contadas, levando em consideração, como o contexto e as relações sociais envolvidas.

São, assim, aspectos metodológicos que demonstram ser interessantes para pesquisas que investigam o ambiente escolar e o professor. Por exemplo, a entrevista, aqui apresentada em alguns fragmentos, foi realizada para se entender como as histórias dos professores refletiam suas práticas e como essas práticas eram influenciadas por políticas educacionais, como os Prêmios Mestres da Educação e Escola de Valor. Logo, a análise concentrou-se na identificação de temas recorrentes nas narrativas, como os desafios do ensino, as estratégias pedagógicas utilizadas pelos professores, as expectativas em relação às políticas educacionais e a maneira como as experiências pessoais influenciam a prática docente.

Já que, como afirmam Clandinin e Connelly (2011), as narrativas são formas de compreender o mundo e de dar significado às experiências, no campo educacional, isso significa que a pesquisa narrativa oferece uma visão mais rica das práticas pedagógicas, pois permite ao pesquisador acessar as percepções e os significados atribuídos pelos sujeitos colaboradores às suas próprias experiências de ensino. O professor colaborador,



ao produzir sua narrativa, narra suas experiências e, com isso, reflete sobre elas, reconfigurando-as para um futuro. Ou seja, por meio da narrativa, o docente compartilha suas histórias e, também, reinterpreta as dificuldades enfrentadas e as conquistas obtidas, partilhando razões e motivações por trás de suas escolhas. É possível ainda a articulação entre as histórias pessoais e um contexto social mais amplo, contribuindo para a construção de uma compreensão coletiva sobre fenômenos educacionais. Essa ressignificação promove insights sobre como os eventos influenciam ações futuras, o que é essencial em estudos educacionais que visam contribuições práticas e teóricas.

A pesquisa narrativa, desse modo, não se limita a gerar dados e descrevê-los. Ela assume um papel reflexivo dos colaboradores (que refletem sobre suas histórias ao contá-las) e dos pesquisadores (que ao ouvirem as narrativas também refletem sobre os acontecimentos e sobre a maneira como são contados).

Entretanto, essa forma de pesquisa também possui limitações a serem enfrentadas pelo pesquisador relacionadas à subjetividade das narrativas e à questão ética. As histórias contadas pelos colaboradores são moldadas por suas percepções e interpretações pessoais, assim, o pesquisador necessita realizar uma abordagem cuidadosa e reflexiva ao interpretar as histórias, levando em consideração as influências contextuais que afetam a construção dessas narrativas. Além disso, a pesquisa narrativa leva o pesquisador a se envolver com os participantes, estabelecendo uma relação de confiança. Isso implica uma responsabilidade ética de garantir que as histórias sejam tratadas com respeito e que os participantes se sintam à vontade para compartilhar suas experiências de maneira honesta.

## REFERÊNCIAS

AZEVEDO; A. B. de. Apresentação. In: AZEVEDO, A. B. de; BORREGO, C. L.; VILELA, E. G. **Coleção pesquisa narrativa**: concepção. São Bernardo do Campo: Universidade Metodista de São Paulo, 2022. p. 7-9.

BAQUERO, M. **A pesquisa quantitativa nas Ciências Sociais**. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2009.

BASTOS, L. C.; BIAR, Li. de A. Análise de narrativa e práticas de entendimento da vida social. **DELTA: Documentação e Estudos em Linguística Teórica e Aplicada**. ISSN 1678-460X, v. 31, n. 4, 2015. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/delta/a/Y8HLKnQRjQs8ZpdHjQY4fqH/?format=pdf&lang=pt>. Acesso em: 9 jul. 2022.



CLANDININ, D. J.; CONNELLY, F. M. **Pesquisa narrativa**: experiência e história em pesquisa qualitativa. Uberlândia: EDUFU, 2011.

CONNELLY, F. M.; CLANDININ, D. J. Relatos de experiencia e investigación narrativa. In: LARROSA, J. (org.). **Déjame que te cuente**: ensayos sobre narrativa y educación. Barcelona: Editorial Laertes, 1995. p. 11-59.

COSTA, E. B. da. A igreja como espaço de formação humana. In: AZEVEDO, A. B. de; BORREGO, C. L.; VILELA, E. G. **Coleção pesquisa narrativa**: concepção. São Bernardo do Campo: Universidade Metodista de São Paulo, 2022. p. 45-64.

DESLAURIERS, J.P.; KÉRISIT, M. O delineamento de pesquisa qualitativa. In: POUPART, J. et al. (org.). **A pesquisa qualitativa**: enfoque epistemológicos e metodológicos. Petrópolis: Vozes, 2008. p. 127-53.

GATTI, B.; ANDRÉ, M. A relevância dos métodos de pesquisa qualitativa em Educação no Brasil. In: WELLER, W.; PFAFF, N. (org.). **Metodologias da pesquisa qualitativa em Educação**. 3. ed. Petrópolis: Vozes, 2013. p. 29-38.

INNARELLI, P. B. Pesquisa narrativa: histórias vividas, refletidas e minha formação. In: AZEVEDO, A. B. de; BORREGO, C. L.; VILELA, E. G. **Coleção pesquisa narrativa**: concepção. São Bernardo do Campo: Universidade Metodista de São Paulo, 2022. p. 78-91.

JOSSO, M. C. **Experiências de vida e formação**. São Paulo: Cortez, 2004.

JOVCHELOVICH, S.; BAUER, M. W. Entrevista Narrativa. In: Bauer M. W., Gaskell G. (org.). **Pesquisa qualitativa com texto, imagem e som**: um manual prático. Petrópolis: Vozes, 2002, p. 90-113.

NÓVOA, A. A formação tem de passar por aqui: as histórias de vida no Projecto Prosalus. In: NÓVOA, A.; FINGER, M. (org.). **O método (auto)biográfico e a formação**. Natal: UFRN EDUFRN, 2014. p. 143-176.

POUPART, J. A entrevista de tipo qualitativo: considerações epistemológicas, teóricas e metodológicas. In: POUPART, J. et al. (org.). **A pesquisa qualitativa**: enfoque epistemológicos e metodológicos. Petrópolis: Vozes, 2008. p. 215-253.

SCHÜTZE, F. Pesquisa biográfica e entrevista narrativa. In: WELLER, W.; PFAFF, N. (orgs.). **Metodologias da pesquisa qualitativa em Educação**. 3. ed. Petrópolis: Vozes, 2013. p. 210-222.

SOUZA; V. C. de. Prefácio. In: AZEVEDO, A. B. de; BORREGO, C. L.; VILELA, E. G. **Coleção pesquisa narrativa**: concepção. São Bernardo do Campo: Universidade Metodista de São Paulo, 2022. p. 10-15.

